

Editorial

Um dos desdobramentos mais interessantes e potencialmente mais fecundos da agudização da consciência da crise ambiental global foi a releitura levada a cabo pelas diversas tradições religiosas, tanto de suas matrizes ideológicas, bem como de suas práticas, pela perspectiva ecológica. A julgar pelo número de publicações a respeito, a imbricação com a natureza parece ser, hoje, um dos principais focos de atenção das áreas ligadas às ciências da religião, representando, provavelmente, um dos principais espaços de diálogo entre o campo da ecologia e a área das humanidades, tendo gerado impactos fertilizadores tanto nos campos da reflexão ecológica de matiz estritamente científico, bem como nas áreas da teologia, das ciências da religião e da filosofia.

O ponto de partida de tal releitura crítica ecocêntrica no meio acadêmico ocidental pode ser considerado o influente artigo de Lynn White Jr., publicado em 1967, na revista *Science*.¹ Lá, Lynn White debitava parte da responsabilidade pela crise ambiental que já se avizinhava à instrumentalização da natureza com o respaldo do texto bíblico. Tal instrumentalização repercutiria ainda no antropocentrismo exacerbado do humanismo renascentista, cujo coroamento pode ser localizado no projeto cartesiano que separava não só o corpo do espírito como também isolava o ser humano do mundo natural, subordinando esse àquele. Vale dizer, o passivo ambiental que ora se testemunha, potencializado pela exploração irrefletida de recursos naturais finitos segundo um modelo de consumo globalizado seria, por isso, um dos corolários inevitáveis daquela exacerbada racionalidade teológica antropocêntrica, preconizada e legitimada pela tradição judaico-cristã. Nessa perspectiva, o abismo da crise ambiental que constatamos hoje colocaria em cheque todo o *pedigree* religioso/ideológico do edifício teórico e prático do mundo ocidental.

Contudo, não obstante as diferenças profundas, tanto do ponto de vista das crenças bem como das práticas entre as tradições abraâmicas monoteístas judaico-cristãs e as tradições orientais, como o hinduísmo, o budismo e o taoísmo — tradicionalmente considerados mais sensíveis em relação à pertença humana e sagrada ao espaço natural —, essas também não escapariam incólumes frente ao colapso ambiental na China e na Índia

¹ Lynn White Jr., “The historic roots of our ecological crisis”, *Science* 155 (1967), p. 1203-7.

contemporâneas, por exemplo, e são testemunhas de que, de balde as singularidades civilizatórias sistêmicas de todas aquelas tradições, dificilmente, poder-se-ia dizer que o mundo oriental, dentro do quadro de seus valores espirituais, tenha conseguido gerenciar, a contento, a subordinação da natureza aos interesses mercadológicos do capitalismo tecnológico globalizado. Porém, uma reflexão crítica sobre nossas mazelas ambientais globais, do ponto de vista das humanidades, de forma alguma exaure a riqueza dos entrelaçamentos possíveis entre Religião e Natureza, como se pode ver nesse dossiê, que a *NUMEN* ora entrega aos seus leitores.

O primeiro artigo, de extração filosófica, debruça-se sobre a possibilidade de se refletir de forma crítica acerca dos desdobramentos éticos que a relação entre Deus e natureza na obra de Hans Jonas oferece; o segundo artigo trata da concepção da natureza como sagrado na obra *O Silmarillion*, do autor inglês J. R. R. Tolkien, explorando a interface entre Fenomenologia e Literatura, através das obras de Mircea Eliade. Já o terceiro artigo explora a comparação das letras entre os hinos cantados pelos evangélicos anteriormente com as letras da nova musicalidade, que apontam para o abandono de temas tradicionais da fé cristã. O quarto estudo apresenta uma proposta de interpretação de uma lenda de um povo indígena que vive na Amazônia, os Tariana, “os filhos do trovão”. O fio condutor do enredo é mágico: lágrimas caem do céu sobre o rosto de uma jovem chamada Nhinóe e, com isso, ela se torna bela. Sua beleza, no entanto, como veremos, será uma tragédia. O quinto texto é um estudo e tradução de um conjunto de fragmentos privados escritos por Friedrich Schlegel em 1806. Os fragmentos apresentam uma reflexão sobre a natureza – que emerge nas considerações sobre o panteísmo, por exemplo – com uma teologia dos afetos católica. O sexto ensaio pretende investigar algumas imbricações possíveis entre imanência, experiência mística e o campo da estética no ambiente upanixádico indiano mais antigo, de sorte a consubstanciar as teses propostas.

Dois artigos compõem a sessão temática livre: o primeiro analisa a representação do sagrado e do profano no conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de João Guimarães Rosa, enquanto o segundo tem como objetivo apresentar a noção de *pathos* divino em Jürgen Moltmann, influenciado pelos escritos do teólogo e filósofo judeu Abraham Joshua Heschel, para o qual o *pathos* divino é a forma da presença de Deus no mundo.

É, portanto, no contexto de uma reflexão crítica da relação entre natureza, religião, filosofia e artes, em suas diversas perspectivas, emolduradas em especificidades culturais e civilizacionais, abarcando tanto as suas dinâmicas discursivas quanto práticas e alcançando, por isso mesmo, também as suas diversas polinizações em representações simbólicas e artísticas, é que se deve compreender o perímetro que serve de ponto nodal para a contribuição da revista *NUMEN* nesta exploração das imbricações possíveis na fértil vertente do campo dos estudos da religião com a natureza. Daí a importância pioneira que reveste esta série de artigos que buscam, num certo sentido, tatear exploratoriamente essa área de estudos ainda pouco mapeada no ambiente acadêmico brasileiro.

Neste número, temos também a grata satisfação de receber a contribuição dos professores Faustino Luiz Couto Teixeira e Marcelo Ayres Camurça, professores em nosso Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, que nos presenteiam com dois brilhantes textos elaborados em forma de Memorial, os quais foram escritos visando ao título de Professor Titular no Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Boa leitura.

Prof. Dr. Clodomir Barros de Andrade [Responsável pelo número]
Prof. Dr. Jimmy Sudário Cabral [Editor da Revista]